

# FENÔMENO E EPOKHÉ: SOBRE O MÉTODO CÉTICO SEGUNDO O CÉTICISMO PIRRÔNICO DE SEXTO EMPÍRICO

## *PHENOMENON AND EPOKHÉ: ON THE SKEPTICAL METHOD ACCORDING TO THE PYRRONIC SKEPTICISM OF SEXTUS EMPIRICUS*

*Eloísa Benvenutti de Andrade*<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste texto exporemos as ideias de fenômeno e *epokhé* para tecer alguns esclarecimentos acerca do método cético segundo o ceticismo pirrônico de Sexto Empírico. Para tanto, articularemos dois artigos de Oswaldo Porchat, a saber, “Sobre o que aparece” (2007) e “A noção de *phainómenon* em Sexto Empírico” (2013) com fragmentos dos “Esboços Pirrônicos” de Sexto Empírico. A intenção é elucidar, contra a perspectiva mentalista moderna sobre o ceticismo, a crítica da razão dogmática proferida pelo ceticismo pirrônico e sua concepção de fenômeno independente de um estatuto epistemológico e ontológico. Nos cabe também explicitar a *epokhé* pirrônica enquanto “estado” para evidenciar, como defende Porchat, a habitual ignorância, sobre o ceticismo antigo que leva a muito equívocos sobre a real tarefa do mesmo. Desse modo, nos apoiaremos também na análise de Michael Frede de que os cétricos podem ter crenças, argumento que faz objeção a acusação de inação (*apraxia*) do cético. Por fim, a intenção é mostrar a oferta cética que o pirronismo faz à filosofia tomando-a como prática e não como formulação de sistema.

**Palavras-chave:** Ceticismo. *Epokhé*. Fenômeno. Método. Pirronismo. Sexto Empírico.

**Abstract:** In this text we will expose the ideas of phenomenon and *epokhé* to make some clarifications about the skeptical method according to the pyrronic skepticism of Sextus Empiricus. To do so, we will articulate two articles by Oswaldo Porchat, namely "On what appears" (2007) and "The notion of *phainómenon* in Sextus Empiricus" (2013) with fragments of the "Pyrronic Sketches" of Sextus Empiricus. The intention is to elucidate, against the modern mentalist perspective on skepticism, the critique of dogmatic reason uttered by pyrronic skepticism and its conception of phenomenon independent of an epistemological and ontological status. It is also incumbent on us to make explicit the pyrronic *epokhé* as a "state" in order to show, as Porchat argues, the usual ignorance about ancient skepticism that leads to much misunderstanding about the real task of the same. In this way, we will also rely on Michael Frede's analysis that skeptics may have beliefs, an argument that objects to the skeptic's inaction (inaction). Finally, the intention is to show the skeptical offer that the pyrrhonism makes to the philosophy taking it like practice and not like formulation of system.

**Keywords:** Skepticism. *Epokhé*. Phenomenon. Method. Pyronism. Sextus Empiricus.

## **Introdução**

Oswaldo Porchat defende que no “universo da filosofia antiga, o pirronismo propôs uma postura filosófica extraordinariamente revolucionária”<sup>2</sup>. Isto, através da

---

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Professora da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: ebandrade@casperlibero.edu.br

constituição de uma prática contínua de questionamento acerca das ideias do dogmatismo, que expunham toda uma teoria sobre a verdade, a realidade e o conhecimento, que para o cético, construiu uma ótica metafísica sobre a vida. Contra isso, o pirronismo concebeu a filosofia como uma prática, calcada na denúncia e no questionamento das ideias dogmáticas e em prol da vida comum e das coisas evidentes. Foi Sexto Empírico quem expôs a filosofia pirrônica, que desde os estoicos, foi frequentemente compreendida de forma inadequada. São célebres as anedotas envolvendo a figura de Pirro<sup>3</sup> e certa inação e inconsistência do método cético. No entanto, atenta Porchat, no quanto concerne à filosofia de Sexto, isto “exibe uma total ignorância do pensamento cético [...] repetida durante aproximadamente mil e setecentos anos” e que “continua a ser repetida em nossos dias”<sup>4</sup>.

Durante séculos, essa interpretação errônea do pirronismo, prevaleceu tendo uma importância muito significativa no desenvolvimento da filosofia moderna, entretanto, não por sua profunda denúncia acerca do pensamento dogmático, caracterizado pelo ceticismo pirrônico “como uma enfermidade da razão”<sup>5</sup>, mas por uma objeção de certa inação e inconsistência do ceticismo em questão, sob a alegação de “que seria impossível a um cético agir e permanecer vivo se permanecesse coerente com sua própria filosofia”, isto porque, ao cético, está proibido “ter crenças de qualquer espécie que seja”<sup>6</sup>. No entanto, explica Porchat, Sexto Empírico estava ciente de tais objeções e buscou dissolvê-las se propondo a tarefa de evidenciar o *lógos* (enquanto discurso) cético em seus textos. Tal tarefa envolve com grande relevância o esclarecimento sobre a *epokhé* enquanto “estado” e sobre o fenômeno como não tributário de uma ontologia ou epistemologia específicas, quer dizer, como não tributário de um mentalismo, ou de um juízo cognitivista.

Consideremos a significação de “método” a partir da etimologia desta palavra. Do grego refere-se a um caminho, um modo de perguntar, um discurso, que visa certo fim (*télos*). Do latim refere-se a uma maneira de ir ou de ensinar. Enquanto método, o ceticismo, diferente do dogmatismo compreende um fim do qual de antemão ele parte, qual seja, a tranquilidade, aceitando a diaphonia (a discordância) como condição da filosofia e a vida comum com suas contradições, para trabalhar a perturbabilidade

---

<sup>2</sup> PORCHAT, 2013, p.320.

<sup>3</sup> VERDAN, 1998, p.21.

<sup>4</sup> PORCHAT, 2013, p.320.

<sup>5</sup> Ibid., p. 322.

<sup>6</sup> Ibid., p.322.

através da habilidade de ler, entender, explicar e expor (cf. Sexto Empírico, PH 1, 7, 31-34)<sup>7</sup>. Instituindo oposições, o cético busca a tranquilidade sem nunca abandonar o que lhe é evidente, o domínio da vida<sup>8</sup>. Diferente disso, o dogmático, em estado de perturbabilidade, apela à metafísica para alcançar uma verdade que seja absoluta e indiscutível. Para enfim alcançar uma imperturbabilidade ficcionária em cima de ideias criadas por ele, para o que muitas vezes, é evidente. Na verdade, a razão dogmática potencializa a perturbação na construção de sua doutrina sobre o não-evidente, quer dizer, à aquilo que não é imediato, é medido. (cf. *Idem*, PH 1, 8-17).

Diante da diaphonia, ou seja, de uma discordância filosófica, o cético suspende o juízo (cf. *Idem*, PH 1, 26). A suspensão do juízo, ou, a *epokhé*, explica Sexto Empírico, é um estado da mente no qual não se rejeita, nem se sustenta algo (cf. *Idem*, PH 1, 10), ou seja, diante de um desacordo irrecusável, da impossibilidade de uma verdade apesar de toda crítica e investigação rigorosa, não se assente a nada e entramos em estado de suspensão. Do estado de *épokhé*, enquanto retenção de assentimento, surge um resíduo, aparece algo, que chamamos fenômeno<sup>9</sup>. Porchat explica que para Sexto Empírico “os fenômenos são inquestionáveis, não há disputa sobre sua manifestação (cf. HP I, 22)”, no entanto, “esse reconhecimento é diferente de uns para outros. Os que dogmatizam interpretam os fenômenos como realidades, atribuem aos fenômenos uma dimensão ontológica”<sup>10</sup>. Vejamos então como o estado de *epokhé* e o que aparece, o fenômeno, sustentam a especificidade do método cético segundo o ceticismo pirrônico de Sexto Empírico.

### **Desenvolvimento: *phainómenon* e *epokhé***

Ao discorrer sobre as características do ceticismo, Sexto Empírico inicia o desenvolvimento do que entende por “*phainómenon*” em seus “Esboços Pirrônicos”. É importante considerar, entretanto, o que é esclarecido anteriormente, por via da orientação cética, para que seja possível compreender o real significado tanto do fenômeno, como da suspensão do juízo (*épokhé*). Sexto Empírico escreve que: “com relação às coisas que falaremos, não afirmamos nada sobre como elas são exatamente,

---

<sup>7</sup> Tradução nossa.

<sup>8</sup> PORCHAT, 2007b. p.31.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p.15.

<sup>10</sup> PORCHAT, 2013, p.297.

porém as expressamos de acordo com o que nos aparece agora, à maneira de um cronista” (cf. *Idem*, PH, 1, 4).

Para Sexto Empírico, diferente dos dogmáticos, cujo *télos* é a verdade absoluta, ou seja, dizer como as coisas realmente são, o ceticismo preza pela investigação através do uso de sua habilidade filosófica. Esta prática investigativa faz com que a cada momento da suspensão/retenção do juízo diante de um desacordo, o cético seja levado também a um resíduo fenomênico (cf. *Idem*, PH 1, 19). Isso faz com que o cético não se dogmatize jamais (cf. *Idem*, PH 1, 14-15), e o próprio esboço acerca da orientação cética seja realizado não de forma taxativa. No início de seu discurso geral sobre a nomenclatura da orientação cética, Sexto Empírico esclarece que a orientação cética é concebida como investigativa “pela atividade de investigar e de examinar” e, de suspensiva “pela afecção gerada no examinador após a investigação” (cf. *Idem*, PH 1, 7.). Também continua dizendo que ela é chamada aporética “pelo hábito de suscitar aporias e investigar acerca de tudo [...] ou por hesitar quanto a assentir ou a negar, e de pirrônica por parecer-nos que Pirro se aplicou mais firme e claramente ao ceticismo” (cf. *Idem*, PH 1, 7). A retenção de assentimento diante da persuasão eficaz de diferentes argumentos e a impossibilidade de se decidir em favor de um, conduz o cético à *epokhé*. E, disso, explica Porchat, “segue-se a ataraxía, a tranquilidade de espírito” (cf. HP I, 8 e 10), pois “o cético não mais é afetado em sua mente, como era anteriormente, pela perturbação causada pela grande dificuldade em optar por uma das partes em conflito”<sup>11</sup>. A ataraxia, ou melhor, a impertubabilidade, portanto, seria o *télos* da orientação cética, como aponta o próprio Sexto Empírico em PH 1, 25 acerca do fim do ceticismo. A impertubabilidade também é apresentada por Sexto Empírico como o “princípio causal do ceticismo (...) pois homens (...) perturbados pela anomalia das coisas e em aporia sobre a qual delas deve assentir, foram levados a investigar o que é verdadeiro e o que é falso nas coisas”, tendo como expectativa principal, “ao decidir sobre isso, chegar à impertubabilidade” (cf., *Idem*, PH 1, 12)

Em PH 1, 31-34, Sexto Empírico explica que da impertubabilidade “segue a suspensão de juízo sobre tudo” e desenvolve como a suspensão se produz em nós: “pela oposição entre as coisas. Opomos ou aparentes a aparentes, ou pensamentos a pensamentos, ou alternadamente” (cf., *Idem*, PH 1, 31) e ainda “coisas presentes a coisas presentes [...] ou coisas presentes a coisas passadas ou futuras” (cf., *Idem*, PH 1,

---

<sup>11</sup> PORCHAT, 2013, p.294.

33). Para Porchat, esse método “das antinomias, empregado por Sexto ao longo de toda a sua obra, é sua arma principal para neutralizar as posições dogmáticas”<sup>12</sup> e a própria definição do ceticismo. A intenção é neutralizar o entendimento dos dogmáticos de que “as coisas evidentes são imediatamente conhecidas através de um critério, enquanto as não-evidentes são descobertas por meio de signos e provas a partir das coisas evidentes (cf. AM VII, 25)”<sup>13</sup>. O próprio Sexto Empírico no final de PH 1, 12 estabelece: “O princípio mais fundamental do ceticismo é opor a todo discurso um discurso igual, pois pensamos que, a partir disso, somos levados a não-dogmatizar”.

Sexto Empírico tem no fenômeno o critério de ação, diferente dos critérios de verdade e realidade dos dogmáticos (cf., *Idem*, PH 1, 21-22). Para Sexto Empírico, não existe disputa sobre a manifestação dos fenômenos, eles são inquestionáveis (cf. *Idem*, PH I, 22), tanto para os céticos, como para as pessoas comuns ou filósofos dogmáticos, o que muda é o reconhecimento do fenômeno, que é diferente de uns para outros: “Os que dogmatizam interpretam os fenômenos como realidades, atribuem aos fenômenos uma dimensão ontológica. Os céticos não os interpretam, tão somente os reconhecem”<sup>14</sup>. Em PH 1, 13, Sexto Empírico diz com todas as letras que “o cético não dogmatiza”, e explica, “não no significado mais comum de dogma, usado por alguns, de acordo com o qual dogma é assentir a alguma coisa, pois o cético assente à aparência que lhe é imposta pelas afecções”, e fornece um exemplo: o cético não diz, quando sente calor ou frio, “penso que não sinto calor ou frio”; “dizemos, porém, que ele não dogmatiza naquele significado de dogma usado por alguns, segundo o qual dogma é assentimento às coisas não-evidentes investigadas pelas ciências, pois o pirrônico não assente a nada não-evidente” (cf., *Idem*, PH 1, 13).

Isto quer dizer que, o que o cético não reconhece são as ideias de verdade, realidade e conhecimento dos dogmáticos. Para o cético, tanto não existe necessidade de tal orientação para, de fato, orientar-se na vida, como não temos acesso a tais coisas à maneira dogmática e, por isso, ele atém-se aos fenômenos (cf. *Idem*, PH 1, 21-4), como critério de ação que também o atém a vida cotidiana. Mas então, atenta Porchat, isso significa que o cético, “consciente de não dispor de um discurso (lógos) que seja verdadeiro e que o possa guiar na vida prática, busca e encontra, na mesma vida

---

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 295.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.295.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p.297.

cotidiana em que está mergulhado, uma base “natural” de apoio para suas ações”<sup>15</sup>?. Justamente pelo fato de que os fenômenos não possuem uma dimensão ontológica e “não existem por si, Sexto distingue, pois, dois tipos de *phainómena*: os objetos físicos sensíveis e as ideias e pontos de vista das pessoas, dos filósofos por exemplo”<sup>16</sup>. Porchat argumenta que, apesar de a primeira vista, parecer difícil entender “essa dupla referência do termo “*phainómenon*”, já que tudo indica que ela envolve um parentesco de sentidos, mas que não nos é imediatamente evidente”<sup>17</sup>, é importante que qualquer tentativa de elucidação da noção de *phainómenon* enfrente tal dificuldade.

Em PH 1, 8, Sexto Empírico diz que o ceticismo “é a habilidade de opor fenômenos e pensamentos de todos os modos possíveis, levando-nos, por causa da equipolência entre coisas e discursos opostos, primeiro à suspensão do juízo e, depois, a impertubabilidade”. Desse modo, afirma que é através das antinomias que o cético opõe fenômeno a fenômeno, pensamentos a pensamentos e fenômeno a pensamentos, referindo -se enquanto fenômeno às coisas sensíveis. Porchat, explica que Sexto Empírico, ao se servir do método de antinomias está se referindo às oposições entre teses dogmáticas.

O fato de Sexto explicar, em HP I, 9, que, nesse momento (nûn), ele está usando *phainómena* em lugar de *aisthetá* parece-me deixar claro estar ele indicando que não é esse o sentido que correntemente atribui ao termo, já que chama também de *phainómena* as idéias e pontos de vista que ocorrem na mente das pessoas. Por outro lado, conjecturo que o uso restrito do termo *phainómenon*, para designar unicamente as coisas sensíveis (*aisthetá*), remete ao pirronismo antigo. Mas nada impede que, por analogia, usemos a expressão “fenômenos inteligíveis” para designar aqueles fenômenos que são ideias ou pontos de vista [...] o termo “*phainómenon*” era corrente na filosofia grega e Sexto dele se serve como um termo familiar aos filósofos de sua época. Lembremos também que, nas filosofias gregas, desde a antiguidade pré-socrática até a época de Sexto, o termo “*phainómenon*” foi bastante usado. Seja para denotar o mundo das coisas sensíveis, seja com referência a opiniões ou pontos de vista (como foi o caso com Protágoras). Isto é, encontramos o termo “*phainómenon*” aplicado a um e outro dos dois tipos de *phainómena* que Sexto Empírico distinguiu<sup>18</sup>.

Para o comentador, esta dupla semântica estava à disposição de Sexto Empírico tanto pela tradição filosófica com a qual dialogava, tanto quanto pela filosofia de seu

---

<sup>15</sup> Ibid., p.299.

<sup>16</sup> PORCHAT, 2013, p.301.

<sup>17</sup> Ibid., p. 301.

<sup>18</sup> Ibid., p.302.

tempo. Porchat lembra que “*phaínomai*” foi usado em vários sentidos: brilhar, luzir, aparecer à luz, mostrar-se, parecer. Também explica que o termo “*phainómenon*” tem a mesma raiz verbal de “phôs” e “pháos”, palavras que compartilham muitos significados, inclusive o de “luz”. Assim, considerando os fenômenos céticos e os sentidos distintos para *phaíno* e *phaínomai*, quais sejam, por exemplo, os de brilhar, aparecer à luz, mostrar-se, aparecer – Porchat traduz “*tò phainómenon*” para “o que aparece” ou “aquilo que aparece” e ressalta que “*phaínetai* (aparece) a alguém que...” e “é *phainómenon* para alguém que...” são expressões sinônimas na linguagem de Sexto Empírico. Desse modo, “o que aparece” (*tò phainómenon*) é usado no sentido de “o que se manifesta a nós”, “o que se mostra a nós”, “o que se dá a nós”, “o que nos é dado”, “o que se apresenta a nós”<sup>19</sup>

Em seu artigo “Sobre o que aparece”, Porchat comenta uma importante distinção entre o método do ceticismo pirrônico e a filosofia clássica lembrando que - a filosofia clássica – distinguiu ser e aparecer, e desse modo, incorreu em outra distinção, puramente metafísica, entre as aparências enganosas das coisas e sua manifestação correta e ordinária<sup>20</sup>. A filosofia clássica, portanto, concebeu o ser como necessário e estável, e desqualificou o aparecer tomando-o como instável e contingente. Também, muitas vezes, compreendeu o aparecer como uma manifestação do ser, “mas com maior frequência o pensou como aparência enganosa, que dissimula o ser e o oculta”<sup>21</sup>, como a concepção de não-ser por exemplo. Assim, a tarefa da filosofia enquanto metafísica, era revelar o ser pelo aparecer ou para além do aparecer, confeccionando sistemas cujo intento era decifrar as aparências para alcançar o conhecimento verdadeiro. E foi, por esta via, que se instaurou as relações tradicionais de parentesco filosófico entre o ser, o conhecimento e a verdade<sup>22</sup>.

Diferente disso, a tarefa do ceticismo pirrônico foi justamente “suspender o juízo sobre as doutrinas da metafísica e colocar o ser entre parênteses, questionando seu discurso. Ainda que preservando o vocabulário metafísico do aparecer, o pirronismo chamou “de fenômeno o conteúdo mesmo de nossa experiência que se subtrai de espontânea necessidade ao escopo da epokhé”<sup>23</sup>. Nesta empreitada, Sexto Empírico

---

<sup>19</sup> PORCHAT, 2013, p.303.

<sup>20</sup> Idem, 2007b, p.17.

<sup>21</sup> Ibid., p.17.

<sup>22</sup> Ibid., p.17.

<sup>23</sup> Ibid., p.17.

distinguiu o fenômeno do que se diz do fenômeno (cf. *Idem*, PH 1, 19-20), ou seja, considerou a distinção entre a interpretação filosófica do fenômeno e o que se faz do discurso que o exprime. Em PH 1, 20, Sexto Empírico escreve: “Por exemplo, parece-nos que o mel adoça; aceitamos isso, pois somos adoçados por meio dos sentidos, mas investigamos se também é doce de acordo com o discurso” – *logos* – e continua, “isso não é o fenômeno, mas o que se diz sobre o fenômeno. Mas [...] não queremos com isso destruir os fenômenos, mas apontar a precipitação dos dogmáticos”, uma vez que o discurso é tão enganoso a ponto de arrancar sozinho “os fenômenos da frente de nossos olhos”, e diante disso o cético se pergunta, “como não se deveria suspeitar dele no caso dos não-evidentes, de modo a não sermos levados por ele à precipitação?” (cf. *Idem*, PH 1, 20).

Porchat, sobre esta passagem, explica que:

Assim dizendo, relatamos como as coisas nos aparecem, descrevemos o fenômeno, servindo-nos trivialmente da linguagem comum. Entendemos “é” como “aparece” ou, melhor precisando, é como se disséssemos: “Aparece-nos que o mel é doce”, “aparece-nos que tal fato foi simultâneo com aquele”... Não que tenhamos tais formulações presentes à mente nas circunstâncias banais da vida cotidiana; apenas estamos aptos a reformular nosso discurso, se se tenta dele fazer uma leitura metafísica, para que não corra o risco de uma tal interpretação. Os pirrônicos, porém, posto que em epokhé sobre todas essas coisas, não atribuímos ao fenômeno nenhum estatuto ontológico ou epistemológico, não temos a oferecer sobre ele nenhuma teoria filosófica. Repetimos que somente o reconhecemos em seu mero aparecer e anunciamos essa nossa experiência. Tendo sempre na devida suspeição o *lógos* filosófico, tão enganador que, por vezes, quase arrebatava o fenômeno de sob os nossos olhos<sup>24</sup>.

Por isso, se tomamos a filosofia de Sexto Empírico por uma perspectiva mentalista moderna, o pirronismo aparece como uma filosofia da mente, deficitária apenas “de recursos conceituais e de linguagem que a filosofia pós-cartesiana, a partir sobretudo de Locke, veio a desenvolver”<sup>25</sup>. Dessa forma, o ceticismo pirrônico poderia sim ser entendido como uma filosofia da subjetividade, e, foi justamente o que aconteceu, foi esta a interpretação que habitualmente predominou acerca dele e de seu método. No entanto, Porchat explica que a suspensão do juízo praticada pelo pirronismo encampa tanto a suspensão do juízo sobre a realidade das coisas que aparecem (a concepção de natureza da alma, natureza do corpo, das faculdades do intelecto, etc.)

---

<sup>24</sup> PORCHAT, 2007b., p.17

<sup>25</sup> *Ibid.*, p.22.



como a retenção do juízo também acerca da realidade substancial de um sujeito pensante<sup>26</sup>. Por isso Sexto Empírico em PH 1, 22, estabelece o fenômeno como critério de ação. Em estado de *épokhé* sobre teorias e doutrinas, e sobre critérios de confiança sobre a realidade das coisas, não temos de fato apoio para regular nossas ações na vida cotidiana. Desse modo, o reconhecimento do fenômeno, para orientação da conduta prática cotidiana, é quase obrigatório, e neste sentido ele é o critério de ação (cf. *Idem*, PH I, 21-22).

Assim, não é correto dizer que o cético não tem nenhuma certeza, nenhum critério ou nenhuma crença que o oriente, ele apenas não o tem à luz de *uma* interpretação dogmática, que o impeliria a possuir pressupostos epistemológicos ou ontológicos específicos. A experiência cética e as crenças do cético não culminam necessariamente em um pressuposto epistemológico sobre sua verdade ou em um estatuto ontológico a seu objeto. Antes, como escreve Porchat, para o cético “estar certo de algo faz somente parte do jogo da vida cotidiana em que estamos mergulhados [...] epokhé concerne apenas a teorias, doutrinas e dogmatismos”<sup>27</sup>. Lembremos a explicação de Sexto Empírico em PH 1, 196, acerca da *epokhé*, quando esclarece que, o uso da suspensão do juízo, é reivindicado quando “sou incapaz de dizer em qual das coisas propostas devo acreditar e em qual não acreditar”, evidenciando, dessa maneira, que as coisas nos aparecem iguais em termos de persuasão ou não persuasão, e, “se são iguais, não afirmamos, mas dizemos o que nos aparece sobre elas quando o fenômeno ocorre em nós. E a suspensão do juízo resulta da retenção do intelecto de modo a não postular nem rejeitar nada por causa da equipolência dos objetos investigados” (cf., *Idem*, PH 1, 196)

Sobre a questão do critério e das crenças do cético, não desenvolveremos pormenorizadamente aqui, no entanto, lembramos uma colocação importante de Michael Frede de que a tese de que ações não pressupõem crenças, não é menos dogmática do que a tese dogmática de que as ações pressupõem crenças. Frede argumenta que é precipitado assumir que, para os céticos, a vida é possível sem crenças, e que desse modo, eles não estariam se auto refutando. Para o comentador, antes, os céticos estão “simplesmente seguindo sua estratégia usual de produzirem argumentos equipolentes de ambos os lados de cada questão”. Assim, para Frede, defender que para o cético é possível levar a vida cotidiana sem crenças, não tem fundamento histórico e

---

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>27</sup> PORCHAT, 2007b, p.29.

nem mesmo consistência. Segundo Frede, “uma posição cética assim fundamentada seria ela mesma também pouco plausível. Grosso modo, a tese de que é possível viver sem crenças envolve um problema que é tanto teórico quanto prático”<sup>28</sup>.

O comentador explica que, antes de tudo, é o dogmático que define seus pontos de vista sobre o conhecimento real e rejeita todo o resto “como mera crença; que acredita que tudo depende de que suas crenças não sejam meramente crenças e que, como os estoicos, pensa que as meras crenças são pecaminosas”. Também é o dogmático que resiste a vida comum e ao modo comum de fazer e de pensar as coisas, e pensa que deve se livrar de suas crenças, “uma vez que percebeu que mesmo aquilo que ele tinha previamente tomado como conhecimento certo veio a se revelar como sendo mera crença, por seus próprios critérios dogmáticos”. Mas este não é o dilema e o pressuposto do cético, ele não quer saber se é preciso ter conhecimento certo ou viver uma vida sem crenças, mas o dogmático é que rejeita as crenças ordinárias do cético e seu conhecimento ordinário “como “não científico” ou “não filosófico” e, nessa medida, como insustentável”<sup>29</sup>.

## **Conclusão**

A importância da vida comum na filosofia pirrônica é essencial para a compreensão da noção cética de fenômeno, pois diferente da filosofia dogmática, o cético resgata a vida cotidiana em seu pensamento. Para o cético o que de fato aparece é o domínio da vida<sup>30</sup>. Entretanto, a visão cética do mundo foi se desenvolvendo, ao passo que seu itinerário filosófico se confrontava com diferentes doutrinas ao longo da história, e por isso, não existe consenso em todo ceticismo que faça com que seja possível definir uma única visão cética de mundo. O que se pode apontar como consenso sobre o ceticismo é a recusa dele em se definir como metafísica, ou mesmo como uma “metafísica descritiva”, uma vez que não encampa asserções doutrinárias e não se encarrega de confeccionar uma “teoria do mundo” ou um sistema. A filosofia do ceticismo pirrônico, sobretudo, não resulta de uma visão teórica da realidade, pois a razão cética não é especulativa. Antes sua razão é pautada pela ação e pelas habilidades do cético (cf. *Idem*, PH 1, 31-34).

---

<sup>28</sup> FREDE, 2008, parágrafos 15, 16 e 17.

<sup>29</sup> *Ibid.*, parágrafos 15, 16 e 17.

<sup>30</sup> PORCHAT, 2007b, p.31.

Porchat, atenta que a visão cética do mundo “se articula naturalmente segundo uma certa estrutura que interliga suas proposições, algo como uma “armação conceitual básica”, que define também o quadro das “certezas” básicas, interligadas e interdependentes”<sup>31</sup>. Diante disso, foi apenas com um desenvolvimento mentalista, que não cabe ao pirronismo, que foi possível ao cético moderno privilegiar o sujeito, a mente, o “mundo interior” e se interrogar “sobre a existência ou não-existência de um mundo exterior à mente”<sup>32</sup>. O mentalismo do ceticismo moderno apenas legitima a colocação da dúvida acerca da existência do mundo “exterior”, pois problematiza a capacidade de conseguir transcender às representações, ele está preso a elas. Tal problema, no entanto, não cabe ao pirronismo, e não pode ser transposto a ele, senão, como um mero anacronismo que não revela o método do ceticismo pirrônico por ele mesmo. Segundo Porchat, não há como confundir a dúvida cética moderna com a epokhé do ceticismo pirrônico sobre pretensas dimensões metafísicas ou epistemológicas do reconhecimento cético do mundo fenomênico<sup>33</sup>

A empresa cética do pirronismo, antes de qualquer coisa, buscou realizar a crítica da razão dogmática, como bem mostra Sexto Empírico. Por esta via, foi que a “filosofia pirrônica se concebe como uma terapêutica e o dogmatismo é a doença que ela combate”<sup>34</sup>. Porchat resume o intento do ceticismo pirrônico através de Sexto Empírico:

Como disse Sexto: “O cético, porque ama a humanidade, quer curar pelo discurso, o melhor que pode, a presunção e a temeridade dos dogmáticos” (cf. HP III, 280). O pirronismo é, basicamente, uma crítica da linguagem e de seus mitos, ele luta para quebrar o feitiço que amarra os homens a uma linguagem em férias...<sup>35</sup>

Assim, contrapondo-se a dimensão metafísica da episteme clássica, é que a epokhé cética questiona as verdades e a realidade dos objetos da ciência, quer dizer, a legitimidade da cognição absoluta de todo aquele empreendimento que se apresentava na história e que parecia ingênuo para o ceticismo. Diferente de uma perspectiva positivista, o cético descreve o fenômeno sempre de forma pontual e, como salienta

---

<sup>31</sup> Ibid., p.31.

<sup>32</sup> Ibid., p.33.

<sup>33</sup> Ibid., p.34.

<sup>34</sup> PORCHAT, 2007b. p.36.

<sup>35</sup> Ibid., p.36.

Porchat, reconhecidamente precária<sup>36</sup>. Por fim, mas sem a pretensão de fechar nenhuma questão de nossa parte, o que o pirronismo parece promover é uma valorização da experiência humana e da vida comum, contudo, parecendo, ele mesmo o cético não ser um homem comum<sup>37</sup>, mas que, entretanto, recusa o encerramento destas experiências numa teoria ou em um sistema, e por isso, tanto sua filosofia, enquanto método, como sua fenomenalidade e retenção do juízo, parecem consistir, antes de qualquer coisa, numa prática filosófica.

### Referências:

- BAYLE, P. *Textos Clássicos: Pirro*. Tradução: Plínio Junqueira Smith. Sképsis, ano I, n.º 2, 2007a
- BRENNAN, T. *Criterion and Appearance in Sextus Empiricus: the scope of sceptical doubt, the status of sceptical belief*. BICS, 1994 in <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.2041-5370.1994.tb00458.x/epdf>
- BURNYEAT, M.F. *Pode o cético viver seu ceticismo?* Tradução: Rodrigo Pinto de Brito. Sképsis, ano III, n.º5, 2010.
- FREDE, M. *As crenças do cético*. Sképsis, vol 2, N.º 3 e 4, 2008
- MCDOWELL, J. *Perception as a Capacity for Knowledge*. Marquette University Press, 2011.
- PORCHAT, O. *Sobre o que aparece*. Sképsis, ano I, n.º 1, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *A noção de phainómenon em Sexto Empírico*. ANALYTICA, Rio de Janeiro, vol 17 n.º 2, 2013
- SCHVARTZ, V. *O logos cético de Sexto Empírico*. São Paulo: Tese de Doutorado (USP), 2014.
- SEXTO EMPIRICO. *Outlines of Scepticism*. Translated by Julia Annas and Jonathan Barnes. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Esboços pirrônicos* 1.1-30 Tradução Plínio Junqueira Smith Versão alternativa. In: <http://philosophicalskepticism.org/traducoes-em-andamento/sexta-empirico/>

---

<sup>36</sup> Ibid., p.40.

<sup>37</sup> Cf. STRIKER, 2004, p.20.